

3ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

A arte da boemia

Juarez Leitão

Os franceses chamavam genericamente de *bohemiens* aos ciganos, por acreditar que se originavam da Boêmia (atual República Tcheca), na Europa Central. Na verdade os ciganos só chegaram à Boêmia no século 14, quando ocuparam também a Moldávia e a Hungria. Sua origem provável é o Egito e em alguns lugares são conhecidos como *gitanos* (*egiptanos*).

O comportamento cultural dos ciganos, um povo alegre e festivo, sua esperteza nos negócios e a alegada capacidade de prever o futuro através da leitura das mãos, contribuíram para formar sobre eles, entre os outros povos, a fama de charlatões e embusteiros. Um povo sem pátria, que perambula por todos os países, morando em tendas e sobrevivendo de trocas e da prática da adivinhação e da quiromancia. Contra eles voltou-se o preconceito ocidental, não lhes oferecendo outra opção se não a vida peregrina, para a qual são de origem inclinados.

Os dicionaristas são implacáveis com os ciganos. Antônio de Moraes e Silva os define assim: “Raça de gente vagabunda que pretende conhecer o futuro pelas raias e linhas da mão; tropilhas vagabundas que invadiram a Alemanha no século 15 e que, em 1422, chegaram a Paris vindas da Boêmia”.

Por analogia à vida errante e incerta dos ciganos, assim são denominados de BOÊMIOS os que têm vida alegre e despreocupada, amam a pândega e a estroinice, saindo pela noite em pequenos grupos para beber, conversar e praticar arte. A Enciclopédia Larousse afirma que a denominação BOÊMIOS qualifica melhor a uma classe de literatos ou de artistas que vivem despreocupadamente.

A *boêmia* é, antes de tudo, uma vocação. Não é qualquer um que pode exercê-la. Compreende certos requisitos, algumas posturas e meia dúzia de princípios que somente os *puros de coração* podem praticar.

Os moralistas confundem *boêmia* (ou **boemia**) com a vadiagem torpe, por absoluta desinformação ou inveja dos simples pecadores.

O boêmio tem como religião o bom humor. Mesmo quando se queixa da vida, através de um poema ou de uma música, está apenas sendo caviloso, armando uma cilada amorosa, engendrando a conquista.

O boêmio nunca será um calhorda, um mau caráter, um sujeito de alma suja. O verdadeiro boêmio é leve, boa praça. É solidário e sabe perdoar.

O bom boêmio é um ganhador. É altivo e resoluto na conquista. Mas sabe perder, admiravelmente. E dilui as mágoas no verso, no impropério ou no copo de sua predileção. E sempre acorda sem débito de rancor.

Cultiva o nobre sentimento da gratidão. Não esquece a mão benfazeja que o apoiou na hora do vexame, num momento cinzento da vida. Mas tem critérios na sua gratidão: não se converterá, jamais, num bajulador submisso nem no defensor irresponsável das cretinices de seu benfeitor.

Sua inteligência está a serviço das coisas interessantes. Não segue necessariamente parâmetros lógicos: guia-se pela sensibilidade e a emoção de seus parceiros. Uma boa sacada salva uma noite.

Sabe contar histórias. Mas nunca faz conferências na mesa de bar.

Sabe contar piadas. E as conta, com graça e impacto, quando aparece um tema. Uma coisa incidental. Não pode, imprudentemente, ficar desfiando um rosário interminável de piadas.

Quando não tem o dom da palavra, quando não é um narrador natural, não vai martirizar os companheiros gaguejando ou pondo reticências intermináveis em cada frase. Contenta-se muito bem ouvindo os outros e aparteando-os quando lhe acode uma boa ideia. Ouvir com inteligência é uma arte também.

Tem boa memória e excelentes desculpas. Sabe mentir, saborosamente. Não é um mentiroso.

Tem uma sensualidade refinada, não quer ser *sex simbol*. Vencer

pelo físico fica fácil: o boêmio autêntico ganha pelo que diz e até pelo que não diz.

Sabe ligar o desconfiômetro, a hora em que está se tornando chato ou inconveniente com aquela piada longa, uma história doméstica repetida à exaustão, a eterna amargura, a conversa do *coitadinho*, do vitimado, a usina de complexos.

Quando não tem dinheiro (e geralmente não tem) deve ter outros bons predicados para se tornar necessário à roda de amigos, à mesa do bar. Mas tem que ter dignidade: não pode ficar aceitando sobejos ou tomando dinheiro emprestado. Isso nunca.

Tem consciência cívica, defende a justiça e ama a liberdade e a democracia. Está sempre do lado mais universal do homem, das grandes causas, das razões fundamentais da espécie. Dificilmente é um radical intransigente. É capaz de escutar as ideias opostas à sua e de conviver no mesmo grupo com adversários ideológicos.

É devoto do talento. Admira os que sabem traduzir a vida pelas palavras, pelas cores, pelos sons, pelo sentimento. E não é invejoso. Quando admira a arte de alguém, proclama esta admiração sem restrição, sem tirar nacos da conquista alheia. Prefere somar-se aos que aplaudem, nunca aos que se ofendem com o brilho dos outros.

Veste sem queixas a roupa que o destino lhe deu. Não se acha feio nem pobre, nem pecador. Não se defende da vida, torna-se cúmplice dela. Por isso não tem complexo. Viver longe do laço da mesquinhhez, da fraqueza de espírito, da *parvoíce* e do moralismo vertical já são graças soberbas na raça humana.

O bom boêmio se distingue dos demais mortais pela emoção, solidariedade, desprendimento, percepção para a ironia e capacidade de fazer a *segunda leitura* de uma notícia, de um poema ou de uma canção.

Pode ser um bom *gourmet*, mas na turma, come de tudo: de sarrabulho a lagosta ao termidor.

Se necessário for ou por força das circunstâncias, deve saber fazer um peixe decente, uma farofinha lírica e um café com o mínimo

de dignidade. Do ovo frito, nesses casos, deve se encarregar o menos criativo da roda boêmia. Sem que perceba o porquê de sua tarefa.

Quando o boêmio sabe cantar, tudo se lhe facilita. Os memoráveis sujeitos da noite são os poetas seresteiros e os que batem bem um violão. Bem-aventurados os que tocam, os que têm voz e sabem usá-la numa boa canção, num verso lírico, bem-feito, redondo.

Fortaleza deu às suas noites grandes vozes boêmias e exímios violões: Ramos Cotoco, Raimundo Nonato (pai), Xavier de Castro, Carlos Severo, Fernando Weyne, Moacir Weyne, Lauro Maia, Murici, Luiz Assunção, José Jathaí, Guilherme Neto, Moreira Filho, Otávio Santiago, João Lima, Rubens Sucupira, Carlos Patriolino, Maurício Benevides, Zivaldo Maia, Raimundo Arrais, Nonato Luís, entre outros. Além do novo time que conta com nomes como Fausto Nilo, Manassés, Milton Nunes, Tom Barros, Joãozinho do Violão, Deuzimar, César Barreto, Calé Alencar e tantos, tantos...

A arte de boemar evoluiu com os costumes e a mudança de valores. No passado havia a dificuldade da abordagem romântica, e o assédio à pretendida poderia até resultar em morte. Hoje não tem mais pai sisudo, respondendo a versos melífluos com tiro de bacamar-te. O inimigo da sensibilidade boêmia é a invasão dos pagodes, dos sertanejos se esgoelando, das músicas de letra infame, a ruína dos versos e a estridência do som nos bares, impossibilitando a conversa maneira, o papo inteligente. Mas a resistência dos afilhados da noite tem sido heroica.

O bom boêmio paira acima da mediocridade musical e da imbecilidade comum.

E é capaz de ouvir estrelas, como fazia Bilac em suas melhores noites de inspiração.